

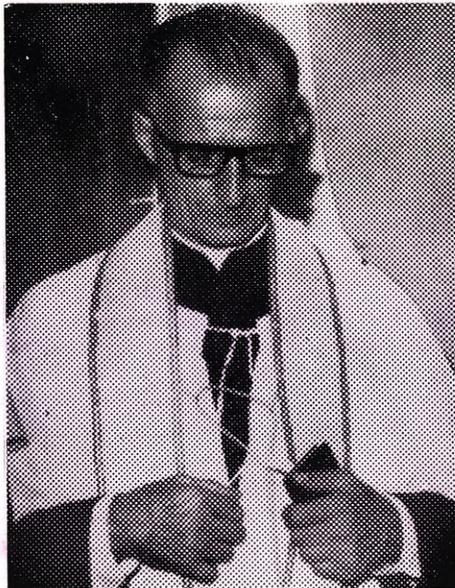
## **Inspetoria de Santo Afonso de Ligório**

Campo Grande – Brasil – Mato Grosso

Campo Grande, 15 de novembro de 1974.

Prezados irmãos em Dom Bosco,

neste ano comemorativo do cinqüentenário da presença salesiana em Campo Grande, vigésimo quinto aniversário de criação da paróquia de São José, desta cidade, na madrugada de 1º de setembro último, encerrava sua laboriosa jornada



**Padre HEITOR CASTOLDI**

que, por onze anos, foi seu zeloso e dedicado pastor, exercendo, contemporaneamente, o cargo de vigário geral da diocese e assistente eclesiástico do Movimento Familiar Cristão. Tinha 63 anos de idade, 38 de vida religiosa e 29 de sacerdócio.

Com sucessivas doenças, “o Senhor vinha fazendo soar ao ouvido do Padre Heitor a trombeta do seu chamado...” Dotado de fina sensibilidade musical, ele, sem dúvida, percebia que o som daquela trombeta se avolumava nos últimos tempos, por isso se atirava ao trabalho para que “ao toque de recolher” pudesse apresentar-se “a Deus como homem comprovado, fiel distribuidor da palavra da verdade” (2 Tim. 2,15).

Internado várias vezes em hospitais, “não diminuía o ritmo de suas atividades, não parava, não se entregava, continuava com o mesmo trabalho de assistência aos menos favorecidos, prosseguia sua atuação nos cursos de noivos, no Movimento Familiar Cristão. Programara percorrer diversas cidades do Estado para fomentar e organizar encontros de casais. A paralisia facial, que o acometera no começo de agosto, a ordem médica proibindo viagens e esforços excessivos não conseguiram deter a atividade que o desgastou até se exaurir totalmente, segundo o magnânimo programa de vida apostólica: “De muito bom grado eu gastarei tudo o que tenho e me oferecerei em total sacrifício por vós” (2 Cor. 12,15).

Sua última missão sacerdotal foi cumprida em Bela Vista, onde fora promover encontros de casais. Naquela cidade fronteiriça o acometeu a doença que ditou o seu falecimento: meningite meningocócica. Recolhido ao hospital local e depois, a seu pedido, na residência dos Padres Redentoristas, teve toda a assistência possível, quer dos médicos, quer dos mesmos Padres Redentoristas, que, dia e noite, se revezavam à sua cabeceira. Após leve melhora, nova recaída obrigou seu transporte para Campo Grande, onde chegou em estado comatoso. Durante dez dias ficou o paciente sob acurada assistência médica e sob a égide de fervorosas orações que fiéis e amigos endereçavam ao Criador rogando por sua saúde e restabelecimento. Baldado foi, porém, todo o esforço que se fez para salvar-lhe a preciosa vida. Faleceu às 3h40 do dia 1º de setembro. O corpo foi levado à igreja e exposto à visitação dos fiéis. Era domingo, dia do Senhor, dia da comunidade paroquial reunida em volta da mesma mesa e na comunhão do mesmo pão. A solene concelebração exequial, presente o Sr. Bispo Diocesano, Dom Antonio Barbosa, presidida pelo P. Inspetor com a participação dos sacerdotes da cidade, congregou grande número de fiéis, que superlotavam a igreja e adjacências. “Naqueles momentos de concentração e de fé, parecia que ouvíamos a sua voz possante, dirigindo os atos religiosos e cantando”. O pastor, porém, “configurado ao Cristo-Vítima, na mudez eloqüentíssima dos fatos, ia repetindo a fórmula: Orai, irmãos, para que o meu sacrifício seja aceito por Deus, Pai Todo Poderoso”.

Terminada a celebração litúrgica, o féretro foi conduzido ao cemitério com acompanhamento dos mais concorridos. “Quem se colocasse no meio do desfile fúnebre, escrevia um diário local, não conseguiria ver nem o princípio nem o fim”. Acompanhavam o Sr. Bispo Diocesano e o

do que por devoção, os fiéis, um dia, foram surpreendidos com a missa rezada em língua portuguesa e com o padre voltado para eles. Depois, pouco e pouco, levados a participar dos atos religiosos, liam orações e as Cartas dos Apóstolos, participando dos cânticos religiosos. Os impressos eram distribuídos e o padre Heitor vinha, praticamente, cobrar a participação de todos, regendo e percorrendo as alas entre os bancos da igreja, puxando, por assim dizer, a voz de cada um. As missas na igreja de São José passaram a ser muito mais movimentadas e mais concorridas, inclusive a missa dos jovens às 19 horas do domingo”.

As missas eram primeiramente liturgia da palavra: “Pregava e argumentava com veemência, defendendo os princípios da doutrina cristã... pregando o bem e combatendo o mal...”

No ano das bodas de prata da paróquia, quando se preparava para comemorar a efeméride com a inauguração da fachada da igreja, em cujo frontal um painel do glorioso Titular deveria perpetuar sua gratidão a S. José, pelos múltiplos favores, Deus o chamou, primeiro dos sete vigários que a pastorearam, para a recompensa eterna.

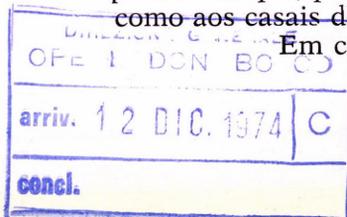
“Padre Heitor ficará assinalado nos anais da história da nossa Igreja como indefesso apóstolo da vivência sacramental do Matrimônio. Que nossos lares, por intermédio dele, tão bafejados de Vida Divina, sejam fecundas sementeiras em que se faça ouvir a Vocação divina do Sacerdócio”.

Prezados irmãos, nossas orações tornem quanto antes realidade para a Igreja em Mato Grosso, tão necessitada de sacerdotes, este desejo do Sr. Bispo Diocesano, Dom Antonio Barbosa, e alcancem ao padre Heitor, que, tendo participado com plena doação de seu sofrimento ao sacrifício de Cristo, participe igualmente da sua Páscoa.

Um agradecimento particular, em nome da Inspetoria, queremos tributar, com esta carta, à abnegada equipe médica que, por dez dias, lutou para lhe salvar a vida, bem como aos casais do MEC pela constante assistência.

Em comunhão de orações, irmão em Dom Bosco,

P. José Corazza  
Vigário Inspetorial



Dados para o necrológico: Padre Heitor Castoldi, nascido em Milão, Itália, aos 13-01-1911, falecido em Campo Grande, MT, Brasil, aos 63 anos de idade, 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

P. Inspetor, as principais autoridades civis e militares, o clero e representantes de todas as classes sociais. Rezadas as preces rituais, ao canto da loa: "No céu, com minha Mãe estarei", foi tumulado no jazigo da Família Salesiana, onde, com os irmãos que o precederam, aguarda o momento da ressurreição.

P. Heitor Castoldi nasceu em Milão — Itália — aos 13 de janeiro de 1911, filho de Luís e Ana Brevi. Órfão de pai desde a infância, cresceu sob os cuidados do tio sacerdote, P. João Castoldi. Membro da Ação Católica, sentiu desabrochar os germes da vocação sacerdotal e missionária. Aos vinte anos de idade, em dezembro de 1931, entrou para o aspirantado de Bagnolo Piemonte, onde soube adaptar-se plenamente à vida de internato, merecendo a estima dos superiores que, ao término do curso ginásial, em 1934, o admitiram ao noviciado com esta apreciação: "Alegre e aberto, cheio de atividade e de zelo, bons resultados nos estudos".

Aos 15 de novembro embarcou para Mato Grosso, chegando a Cuiabá em janeiro de 1935. Durante o noviciado, aprofundou o conhecimento e a prática da vida salesiana que abraçou, com a profissão religiosa, aos 29 de janeiro de 1936. Feitos os estudos filosóficos, continuou na casa de formação, assistente e professor dos clérigos, lecionando, contemporaneamente, no Liceu São Gonçalo de Cuiabá. Em 1942 iniciou os estudos teológicos no Instituto Pio XI, São Paulo, concluindo-os, em 1945, com a ordenação sacerdotal aos 8 de dezembro. O parecer dos superiores: "Bom, inteligente, trabalhador, amante da Congregação, espírito de iniciativa", indica as características de sua vida salesiana e sacerdotal.

Sacerdote, por oito anos foi conselheiro escolar nos colégios de Silvânia (Goiás) e Lins (S. Paulo) incutindo, com sua presença física, austera e firme, disciplina e seriedade.

De 1954 a 1961 foi diretor do Colégio Dom Bosco em Tupã, São Paulo.

Esse colégio, fundado para ser viveiro de vocações para a Inspetoria, por várias circunstâncias, forçara o pequeno grupo de aspirantes a emigrar para Campo Grande e Silvânia, abrigo, em seu lugar, internos e externos.

Em 1949, os aspirantes voltavam ao antigo ninho, formando com os internos uma única comunidade. O crescer constante dos aspirantes, — em 1953 eram oitenta — aconselhou a transferência do internato para o Colégio São Domingos Sávio de Lucélia. Em 1954, o novo diretor encontrou os aspirantes num ambiente pequeno e incômodo, demandando aco-

modações mais amplas e mais bem equipadas. A nova ala do prédio, projetada com quatro pisos, em concreto, foi levada a termo pelo P. Heitor, em dezessete meses, graças a seu dinamismo, "aos sacrifícios dos salesianos da casa, à colaboração da Inspetoria e dos amigos e à proteção de São José" a cujo patrocínio fora confiada a construção. A satisfação dos salesianos ficou consignada na seguinte nota de crônica: "Com uma respiração mais ampla, ambientes mais acolhedores, a formação torna-se mais eficiente. Respira-se um ambiente de casa de formação".

Uma semana vocacional, a presença de bispos e do P. Inspetor das autoridades locais e centenas de alunos dos colégios salesianos da região paulista emprestaram um brilhantismo ímpar às solenidades de inauguração do prédio, harmônico, sóbrio e, ao mesmo tempo, imponente. P. Guido Barra, inspetor na época, registrava o acontecimento com estas palavras: "tudo saiu brilhantemente, a contento de todos".

A visita do Reitor Mor da Congregação, P. Renato Ziggotti, foi outro acontecimento que, sob sua inteligente organização, empolgou a cidade. O entusiasmo e a benéfica influência da visita, quer nos aspirantes, quer na população, compensaram generosamente as canseiras dos preparativos.

A autoridade eclesiástica, em reconhecimento ao zelo apostólico dos salesianos, criou, anexa ao colégio, a paróquia de N. Senhora Auxiliadora, empossando P. Heitor no cargo de 1º vigário.

Em 1961, apesar dos insistentes pedidos dos amigos para forçar sua permanência em Tupã, foi nomeado ecônomo inspetorial, transferindo-se para Campo Grande, onde exerceu, temporaneamente, o cargo de vigário da paróquia de São João Bosco, anexa ao colégio. Coube-lhe, naquele período, levar a termo a construção do prédio, destinado à faculdade de filosofia, cujas obras se prolongavam havia anos. Graças a auxílios obtidos pelo Inspetor, P. João Greiner, na Alemanha, pôde imprimir um ritmo mais acelerado aos trabalhos, deixando-o em funcionamento, quando, em fins de 1962, foi empossado na paróquia de São José.

Foi este o período mais fecundo de sua vida, exercendo por onze anos o cargo de vigário com competência e dedicação, numa entrega total aos paroquianos "até se exaurir definitivamente".

Para melhor planificação do trabalho pastoral, estudou a situação religiosa da paróquia e a vitalidade das as-

sociedades: Marianos, Filhas de Maria, Homens Católicos “Dom Bosco”, Devotos de N. S. Auxiliadora.

Os Marianos, embora em número reduzido, mostravam-se ativos. Os Homens Católicos “Dom Bosco”, atuantes no campo social, colaboraram com o vigário para dar à Colônia “Mata do Jacinto” — um aglomerado de posseiros à margem da cidade — escola e capela, títulos de terras e alimentos.

Considerando as “dificuldades em fazer florescer e manter viçosas as associações religiosas”, sugeriu, às Filhas de Maria, as equipes de catequistas; às associadas da Arquiconfraria de N. S. Auxiliadora, a “Oficina de Santa Rita” ou associação de São Judas Tadeu, cujas finalidades eram: confecção de roupas para pobres e preparação de moças para serviços domésticos. A associação, porém, que lhe mereceu carinho particular foi o Movimento Familiar Cristão. Poucos dias após a posse, escrevia: “Reunião do 1º grupo de casais. Movimento grandemente consolador e de grande alcance. Deve merecer a melhor das atenções, ser a pupila dos olhos do vigário”. Dois anos mais tarde, numa revisão da vida religiosa da paróquia, tornava a escrever: “Foi dada grande importância ao MFC. Torna-se um dos movimentos basilares, capaz de trazer um sopro real de vida cristã à nossa paróquia e à Diocese.” A razão eram os objetivos do movimento de cristianização e defesa dos valores essenciais da família, numa sociedade em transição e de difícil relacionamento de pais e filhos. Estava convencido de que toda ação evangelizadora da sociedade se apóia na vivência cristã do matrimônio. Consciente da importância do Movimento e da necessidade de sua expansão, não perdia a oportunidade de participar de congressos e encontros nacionais e internacionais. Nos últimos tempos, mais que pela hepatite, que o prendia à cama, sofria pela previsão de não poder participar do encontro em Salvador, Bahia, julgado de grande importância pelos assuntos a serem tratados. Promoveu semanas com palestras radiofônicas, artigos em jornais, folhetos volantes, para popularizar o movimento. Essa dedicação foi ternamente correspondida pelos casais: a assistência carinhosa e contínua dos médicos, a preocupação geral pelo agravamento da doença, a oferta generosa de sangue, as enternecedoras mensagens telefônicas de crianças, o sentir unânime pelo falecimento, demonstraram o quanto era estimado.

Em 1965, promoveu as “Santas Missões” para atuar a renovação principiada pelo Vaticano II. “Acostumados, escrevia um diário local, a ouvir missa mais por hábito